

# Revista Brasileira de Ciências Humanas

## O JORNAL ESCOLAR COMO PRÁTICA EDUCATIVA: DO LETRAMENTO À CIDADANIA

*Priscilla Gomes Guilles Mattos*

Mestrado em Educação

Faculdade de Formação de Professores/  
UERJ São Gonçalo, Rio de Janeiro/Brasil

Data de aceite: 01/07/2025

Todo o conteúdo desta revista está  
licenciado sob a Licença Creative  
Commons Atribuição 4.0 Interna-  
cional (CC BY 4.0).



**Resumo:** O objetivo geral deste trabalho é tratar o uso do jornal escolar como recurso pedagógico auxiliando na aprendizagem e desenvolvimento de práticas de leitura, antes de mundo, potencializando esta prática de letramento na formação de leitores críticos e reflexivos, bem como a apropriação da cidade como patrimônio alfabetizador. Colocando também, em debate a formação de professoras das infâncias. Este texto relata e analisa um trabalho de intervenção pedagógica de criação de um jornal escolar, numa turma do 5º ano da escola Municipal Leda Vargas Giannerini localizada no município de São Gonçalo. Assim, pretende-se analisar a importância que a prática de leitura do entorno em que o sujeito encontra-se inserido tem em sua formação cidadã, bem como auxiliar no aprimoramento das práticas de letramento. Nesta perspectiva, com a elaboração da atividade mencionada, podemos observar o potencial de cada aluno, uma valorização dos saberes e acontecimentos locais, bem como uma interação entre escola e comunidade.

**Palavras-Chave:** jornal escolar; leitura; escrita; alfabetização; formação de professores.

## INTRODUÇÃO

Em tempos onde os estudantes ainda concentram em seu processo de escolarização, lacunas advindas do período pandêmico, a elaboração de atividades que compreendam o aluno como agente do seu saber e que envolvam habilidades como a criatividade, se faz ainda mais necessária. Sendo assim, nota-se a necessidade do rompimento com práticas pedagógicas tradicionais enraizadas no cotidiano escolar. Nesta perspectiva, Vygotsky nos diz que: “Educar significa mudar. Se não houver nada para mudar não haveria nada para educar.” (Brandão, 2012, p.150). Assim, observamos que a mudança é inerente ao processo educativo.

Este trabalho caminha na compreensão e

problematização do jornal escolar enquanto aporte teórico e metodológico que, pode contribuir para o processo de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, fazendo com que os estudantes se apropriem da cultura local, podendo assim transformar a realidade em que vive e se reafirmar enquanto cidadãos críticos e reflexivos. Além de expressar o potencial criativo dos estudantes.

Para isto, acreditamos numa pedagogia que envolva um trabalho de conscientização, que deve ser iniciado nas escolas com um ensino que potencialize a criticidade dos estudantes, principalmente para o uso das mídias em sala de aula. Neste contexto, cabe ao professor colaborar para que os estudantes se apropriem das informações e façam o uso adequado das mesmas, que se colocam em papel contraditório, podendo libertar ou manipular os leitores dentro das informações veiculadas. Conforme menciona Freire (1997), a educação tem como foco problematizar o ensino-aprendizagem, buscando a transformação da sociedade, por meio de um diálogo crítico e reflexivo que oriunda do processo de conscientização do indivíduo em relação a realidade em que está inserido.

Ainda em consonância com a perspectiva crítica de Freire, acreditamos na educação compreendida como ato político, com uma prática voltada para superação da opressão, rompendo com a educação bancária de educação, onde baseado na ingenuidade do oprimido, que, como tal acomoda-se e acredita passivamente nos meios de comunicação e nos seus mecanismos de opressão possa, a partir das relações dialógicas entre educadores e educandos fortalecer o uso da palavra escrita e falada.

## **JORNAIS EM CLASSE: UM INSTRUMENTO LIBERTADOR**

De acordo com a literatura pesquisada, diversos estudos vêm tentando em suas obras compreender o uso dos jornais em sala de aula como ferramenta pedagógica, como Faria (1999), Pavani (2007), Zanchetta (2007) e Toshi (1993).

No presente trabalho o uso do jornal será construído de forma autoral. Nossa intenção é construir junto aos estudantes o jornal escolar, a partir das suas próprias narrativas e interesses, com assuntos pertinentes a comunidade escolar. Assim, ao observar o ambiente e seu entorno, estaremos estimulando a leitura de mundo, como uma perspectiva de compreensão da realidade inserida, sendo esta vislumbrada como uma possibilidade alfabetizadora. Assim, dá-se voz aos estudantes para que sejam autores da própria história, protagonistas da leitura e da escrita que envolvem a produção de um jornal mesmo que seja amador, pois o leitor deve de antemão ser capaz de decodificar os códigos de leitura e escrita. Para Ghilardi(1999):

O acesso à leitura - bem cultural - deve ser oportunizado a todos os cidadãos. Ler a palavra escrita, a palavra oral, a palavra não-dita, implícita no contexto ou em imagem, e depreender o sentido que emana de fatores linguísticos e extralingüísticos torna-se prioridade na escola e fora dela. O analfabeto, hoje, não é simplesmente aquele que não sabe ler ou escrever, mas o que não comprehende os textos que circundam (p.107).

Acredita-se na potência do trabalho com jornal por estimular a prática de leitura, pois corroboramos com Goumelot (2001) “a leitura é sempre produção de sentido” (p.107). O desejo é que o sentido dado a leitura se estenda para além dos muros da escola, sendo a prática de leitura viabilizada em casa, nas bibliotecas, de forma especial por lazer e satisfação social.

Nesse sentido, defendemos o uso do trabalho com produção jornalística, sendo este abordado de forma significativa, estimulando o entusiasmo e autonomia frente a relação com a leitura e escrita. Corroboramos com L. Silva (2005) que a aprendizagem é significativa quando o aluno é estimulado ao ponto de utilizar os conhecimentos propostos da ação pedagógica na vida prática. O professor que pensa a relação interativa entre o uso do jornal com o enriquecimento dos conteúdos escolares contribui para que o aluno possa construir uma visão mais consciente e crítica da realidade.

De acordo com Sampaio (2007) “as crianças precisam ter acesso, no cotidiano da escola, a textos variados que circulam no mundo da escrita.” (p.81). Assim cabe aos professores ofertar aos alunos diferentes veículos que utilizam da escrita como possibilidade de ampliar o conhecimento dos estudantes acerca da sociedade.

De acordo com Tajra (2001, p. 131): “A produção de textos é um dos componentes mais importantes para a consolidação de nossos conhecimentos. Quem se expressa, se expressa em função de alguma situação e finalidade; quem conclui desenvolve uma visão crítica sobre algo.” Dessa forma, acredita-se que o uso do jornal como recurso didático pode despertar nos alunos diferentes habilidades como: pesquisar, criticar, corrigir, refletir e etc.

Nesse caminho, faz-se imprescindível pensar na formação inicial e continuada dos professores que ao optar pelo trabalho com as mídias jornalísticas, precisam compreendê-las como um processo que não é imparcial e que geralmente é concebido pela sociedade como um instrumento à serviço da cultura dominante.

Assim, Freire (1987) nos ensina que é preciso que os cursos que oferecem a formação inicial busquem romper com o pensamento ideológico das mídias, de modo a acreditar numa real liberdade de pensamento.

De acordo com Porto (2003), a formação crítica do uso das mídias promove à formação docente uma aproximação entre a ação e a reflexão entre sujeito e objeto. Assim, estamos diante de um cenário que clama urgência no rompimento dos moldes educacionais tradicionais que representam um sistema de opressão.

De acordo com Herman Hesse (Apud Alves, 2000), a escola mais do que construir, destruía; mais do que fazer nascer, matava! Escola esta que se distancia das motivações e reais interesses de seus alunos, pois ambiciona a formação de pessoas para servir ao governo.

Nos últimos anos temos visto os documentos norteadores da educação Parâmetro Curriculares Nacionais (PCNEM), e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) caminhando na contramão dos modelos tradicionais de educação, buscando renovação no que tange a prática da sala de aula, pois acredita-se na urgência de lançar mão de práticas de trabalho que busquem nortear e dar sentido ao cotidiano escolar, ao processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a presente pesquisa se constitui e fortalece como recurso para colaborar com o letramento do aluno até a sua formação cidadã. O uso do jornal escolar como aporte metodológico favorece não só os estudantes autores do próprio conhecimento, bem como outros agentes do cotidiano escolar, professores e demais funcionários da escola que são colaboradores deste processo de aprendizagem. Acreditamos que no caminhar os sujeitos vão imprimindo as variadas histórias dos que estão envolvidos.

O educador francês Celestin Freinet em seu livro *O jornal escolar*, faz duras críticas aos métodos de ensino utilizados e alerta quanto ao obsoletismo deles. O autor destaca a importância de adequação dos recursos metodológicos aos novos tempos. Freinet (1974:12) destaca a dificuldade em romper com as velhas práticas:

Se numa aula a redação não serve senão para ser corrigida e classificada pelo professor, se este está persuadido de que a criança não sabe pensar pela sua cabeça nem é capaz de criar e que precisa de se alimentar das riquezas do professor, este receberá sempre “os deveres”, mas nunca terá “obras” susceptíveis de serem o testemunho de uma personalidade.

Freinet propõe mudanças de paradigma e modelo de trabalho escolar, propondo novos métodos cuja ênfase está na “expressão natural inicial da vida infantil” - e “a observação de conhecimento”. Assim, propõe o “jornal escolar” como possibilidade de promover a expressão livre, a observação e a experiência.

Freinet nos ajuda a pensar que a escrita do jornal escolar nada tem a ver com aqueles textos artificiais propostos nas redações obrigatórias aos estudantes. O autor ainda destaca que o jornal escolar não deve ser uma imitação dos “jornais dos adultos”, mas uma produção original, carregada de significados e sentidos para aquele grupo que produziu, ainda que contenha eventuais imperfeições.

Aqui por se tratar de uma pesquisa com crianças não temos a intenção de buscar escritas consideradas primorosas dentro da Língua Portuguesa, mas escritas que expressem a realidade vivenciada, experimentada a partir do desejo de escrita dos estudantes, escritores e produtores do jornal. Nessa ótica a escrita dos estudantes se afasta da tradição do ensino da escrita, que de forma descontextualizada leva o aluno a submissão de avaliação.

Na contramão do exposto destaca-se a importância do trabalho com o jornal escolar, visando a promoção da função social da escrita, levando os estudantes a se perceberem como autores e produtores do conhecimento e, como a escrita pode levá-lo a dimensões mais profundas e sua relação com o saber, revelando assim mesmo que de forma inconsciente o “poder da escrita”, sendo o jornal um canal onde os alunos podem expressar suas ideias e manter um diálogo com a comunidade escolar.

Ainda acreditamos que o trabalho do jornal viabiliza o conhecimento sobre os gêneros jornalísticos, fazendo com que este tipo de escrita se torne mais significativas para os alunos. Além de fortalecer a importância do trabalho em equipe.

Acreditamos que o jornal escolar permite que o trabalho em equipe de alunos e professores ganhem visibilidade. Freinet (1974) destaca a capacidade do jornal em materializar o esforço tanto do professor quanto do aluno e de tornar este esforço conhecido pelos leitores, podendo atingir dimensões além dos muros da escola.

Há uma corrente entre alguns estudiosos da linguagem, no sentido de pensar o estudo linguístico atrelado a outras ciências, sobretudo as ciências sociais e as humanidades. Este entrelaço colaboraria com a construção do conhecimento atrelada à vida social, onde as pessoas vivem e se relacionam.

Assim, entendemos a produção do jornal como recurso pedagógico potente, pois viabiliza desde o letramento do aluno, através da leitura e escrita, até a sua formação crítica e cidadã, contribuindo para que o processo de aprendizagem se torne mais dinâmico, reflexivo, participativo e significativo.

O que se pretende com esta pesquisa é, acima de tudo, colaborar com a reflexão de se ampliar os recursos metodológicos para o trabalho em sala de aula. Suscitar reflexões da importância de recursos metodológicos mais significativos, em sintonia com a realidade vivenciada.

## **O CAMINHO METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA.**

Como professora e pesquisadora proponho analisar como o trabalho desenvolvido com o recurso do jornal escolar, contribui para nortear e aprimorar ainda mais o processo de leitura e escrita, além de potencializar o trabalho pedagógico.

Para dissertar sobre as práticas educativas e o uso do jornal escolar como recurso didático converso Jorge Larrosa (2002), uma vez que, de acordo com o autor, a experiência é aquilo que nos passa, nos toca, nos atravessa. Levando em consideração que a experiência é algo que nos acontece e que nos faz pensar e nos transforma, Larrosa (2014, p. 10).

Outro autor que nos ajudou a pensar nesta produção é o educador francês Celestin Freinet, por destacar a importância de adequação dos recursos metodológicos aos novos tempos. Freinet propõe mudanças de paradigma e modelo de trabalho escolar, propondo novos métodos cuja ênfase está na “expressão natural inicial da vida infantil” - e “a observação de conhecimento”. Assim, propõe o “jornal escolar” como possibilidade de promover a expressão livre, a observação e a experiência.

A pesquisa tem contribuído para que eu possa pensar e refletir sobre minha prática, enquanto professora-pesquisadora que perpassa o dia a dia na sala de aula e vivencia a necessidade de novas ações para potencializar a prática pedagógica que ampliará meu trabalho no chão da escola pública.

A partir dos desafios de um trabalho que engloba investigação formação, tanto docente quanto do estudante como expõe a presente pesquisa, os procedimentos metodológicos que englobam este estudo inserem-se numa perspectiva de metodologia polifônica, tais como: diário de campo, entrevistas individuais, coletas de dados, observações. Traz na sua essência e se baseia, principalmente, na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (GEERTZ, 1978).

Bortoni (2006) expõe que o objetivo da pesquisa qualitativa em especial a etnográfica é o desvelamento do que está dentro da “caixa-preta” no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam.

## **EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS: O CONTEXTO DA PESQUISA E ALGUMAS VIVÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DO JORNAL ESCOLAR.**

A presente pesquisa é fruto do processo investigativo desenvolvida na escola municipal Leda Vargas Giannerini, localizada no município de São Gonçalo, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa teve início em abril de 2023, sendo coordenada pela professora Priscilla Guilles, autora da escrita aqui realizada. O trabalho piloto contou com a participação de 28 estudantes do 4º ano do ensino fundamental.

Inicialmente foi apresentado ao grupo um jornal impresso e, descobri que para a maioria dos estudantes foi a primeira vez que folhearam um jornal físico. Com este primeiro contato, puderam explorar e conhecer a estrutura de um jornal. Conversamos sobre como se estrutura um jornal, onde o mesmo é realizado, os gêneros contidos nele, bem como os profissionais que o compõe.

Os alunos-autores, sob orientação da professora, foram divididos em grupos fixos e, cada grupo ficou responsável por um gênero textual. A seleção dos gêneros foi democrática e cada grupo escolheu o que se sentiu mais a vontade. Assim, trabalhamos com entrevista, notícia, charge, artigo de opinião e reportagem. A ideia era que a cada edição os grupos mudassem de gênero para que todos pudessem estudar os diferentes gêneros selecionados. Ainda sob orientação, os estudantes elaboraram a produção escrita, a contextualização dos gêneros produzidos, além das imagens caso fosse necessário.

Ficou acordado uma edição mensal e os temas foram escolhidos de acordo com o interesse dos grupos, focando os acontecimentos da cidade, do bairro, da escola. Pensando o local como possibilidade educativa. No decorrer das produções, os estudantes trouxeram te-

máticas com relevância global, ou seja, pensaram para além dos muros da escola. Tivemos temas importantes para serem tratados no cotidiano escolar, gerando reflexões entre os diferentes sujeitos escolares. Nesta perspectiva, surgiram temáticas como: autismo, maternidade, empoderamento feminino, racismo, o trabalho do CRAS do nosso município, a estrutura física da escola, dentre outros.

Para facilitar a escrita das matérias, visto que os estudantes inicialmente estavam tímidos em seu desenvolvimento, fora proposto a seguinte organização dos textos: pesquisa sobre o tema abordado, trazendo para matéria dados científicos sem esquecer de mencionar a fonte pesquisada, opinião do grupo a partir das pesquisas e leituras desenvolvidas e uma curiosidade da temática, sendo este último item facultativo. No gênero entrevista, depois da opinião sobre o tema era feito a transcrição e apresentação da entrevista. Todas as matérias tinham fotografia e as devidas referências dos sites visitados. Alguns grupos optavam por fazer a própria arte o que deixava o trabalho ainda mais autoral.

Ainda sobre as entrevistas, nosso combinado era que as mesmas pudessem ser mais dinâmicas possíveis, variando os entrevistados. Assim, tivemos a colaboração das merendeiras, auxiliar de serviços gerais, inspetores de alunos, professores do primeiro e segundo segmentos, alunos de outros anos de escolaridade, além dos pais dos próprios estudantes.

Começamos em março de 2023 e produzimos até dezembro do mesmo ano. Fomos noticiados na página do Instagram da Prefeitura Municipal de São Gonçalo por proporcionar um trabalho diversificado aos estudantes e também fomos contemplados com uma matéria na Revista da Appai Educar.

Após o fechamento do ano letivo e, consequentemente das edições do jornal, fizemos uma autoavaliação do mesmo para refletir junto aos estudantes sobre o que eles conseguiam perceber de ganhos com a experiência vivida.

Segundo alguns alunos, o jornal escolar LVG se configurou para de uma atividade escolar, ganhou novas dimensões, a medida em que ia crescendo junto com os estudantes. Foi um importante espaço de troca, descoberta pessoal e crescimento. Puderam observar a importância da leitura e escrita para além de codificar códigos, mas antes de ler a palavra, compreender o mundo ao seu redor, tornando-se mais conscientes do seu papel como cidadãos. Além do mais, os estudantes puderam desenvolver habilidades distintas importantes para o seu futuro. “Como uma das autoras do jornal, posso dizer que achei divertido fazer, mas não foi fácil”, reconhece Geovanna Ribeiro.

A aluna Rafaella acredita que o trabalho abriu um novo horizonte para que eles pudessem pensar em temas diversos, permitindo múltiplas aprendizagens. “Eu acho o jornal LVG muito interessante, pois você consegue conhecer um pouco sobre vários assuntos. Você pode aprender diversos conteúdos em uma mesma edição.”

Para o aluno Guilherme Corrêa, o trabalho foi muito importante, por ajudar na ampliação da linguagem culta, a escrita e a leitura. O estudante destacou que “E a diretora pode ver algumas críticas, que foram colocadas de forma muito atenta para não ofender, mas buscamos escrever utilizando as devidas palavras”, frisa.

Assim, podemos observar não só a preocupação dos estudantes com a escrita, mas também na contribuição de ajudar as crianças a socializar com os diferentes setores na unidade escolar, levando sugestões, reflexões e contribuições para uma escola que atenda cada vez melhor os seus estudantes.

Venho compreendendo que as intervenções feitas com os estudantes da escola Leda Vargas, se constituíram em experiências que vêm me possibilitando refletir sobre o trabalho pedagógico com as crianças. Os encontros

semanais para escolha do tema e desenvolvimento das matérias, eram carregados de significados e aprendizagem. Este movimento possibilitava o fortalecimento do trabalho em equipe, o senso crítico e discernimento para escolha da temática, aguçava a curiosidade e senso investigativo. Os alunos eram estimulados a buscarem fontes confiáveis de informação e, com isso trabalhavam a importância de “checar” a informação para não espalhar Fake News. Além do exposto, tinha a parte escrita que estimulava a grafia e produção de textos, que foram sendo ampliados no decorrer das edições.

Venho compreendendo que a função do educador é chamar os alunos para autoria, despertar o desejo de conhecer/aprender. As crianças são por si próprias seres curiosos e estão a todo tempo querendo aprender. A leitura faz aparte da vida humana desde a tenra idade. Lemos o céu, a agitação ou calmaria do mar, os gestos daqueles que estão ao nosso redor. “Lemos o verde da manga-espada verde, o verde da manga verde-espada inchada, o amarelo-esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras das mangas mais além de maduras.” (FREIRE, 2003, P.13). Dessa forma, a leitura se descontina como produção de sentido, é a leitura para além das palavras escritas. A visão de leitura aqui apresentada, possibilita-nos uma relação com o outro e com o mundo. O leitor é um agente ativo da leitura, traz significações externas para o interior do texto, numa relação dialógica entre leitor-texto. Assim, ressalta-se o processo dialógico interativo nas esferas de uso da linguagem, conforme nos salienta Bakhtin (2006, 2011).

A partir deste movimento a leitura assume um papel formativo frente ao leitor, gerando experiência. Leitura que se tece na troca e interação com o outro, com o texto. Podemos pensar a leitura como “logo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos.” (Larrosa, 1996, p. 133).

Nas edições que tinham entrevistas, os estudantes tiveram a oportunidade de dialogar com os diversos setores da escola, compreendendo como cada um trabalha, as formas de pensar e conceber a escola, a cidade e seu entorno. Em um destes encontros para entrevista, os alunos tiveram a oportunidade de dialogar com o professor Breno que leciona a disciplina de história, no segundo segmento (6º ao 9º ano). O professor nos concedeu uma entrevista sobre o processo de independência do Brasil, o que resultou numa roda de conversa muito interessante com toda turma. Neste diálogo o Breno ajudou os alunos a desmistificar alguns conceitos sobre a independência do Brasil, desvelando a história que os livros didáticos não contam. Este encontro desencadeou um trabalho em conjunto com as turmas do 6º ano sobre a população negra, história e cultura. Este trabalho, nos proporcionou uma aula passeio no Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira.

Com a proposta desenvolvida, pude proporcionar aos estudantes momentos nos quais eles tivessem voz ativa e pudessem construir conhecimento em coletivo, de forma significativa. Assim, consegui identificar o que os estudantes sabiam sobre a vida dentro e fora da escola. Podendo dessa maneira, encontrar “pistas” para minha formação enquanto professoras pesquisadoras das infâncias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

De acordo com o exposto, podemos observar o quanto a atividade com o jornal escolar pôde desenvolver diferentes áreas na vida dos estudantes participantes. Para além da aquisição e ampliação da leitura e escrita, os mesmos puderam perceber a importância do texto jornalístico, a busca concreta de fontes, como devemos confirmar as informações recebidas antes de veiculá-las. Os discentes, puderam ter voz frente as demandas do cotidiano escolar, aprendendo a expressar e ampliar

o pensamento crítico. O trabalho com o jornal escolar se afirmar como potência, apresentando aos sujeitos escolares possibilidades assertivas de pensar e refletir o cotidiano de forma colaborativa, participativa e crítica.

Compreendendo que a formação de professores é um processo, me motivei a escrever este trabalho, tendo em vista que é preciso que o professor seja indissociavelmente pesquisador. Desse maneira, venho investigando a minha própria prática, as ações dentro do cotidiano escolar, as diferentes possibilidades de ensinar e aprender, bem como suas relações com a educação.

Segundo Freire (1996, p.29) *não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino*. Por isso o professor, deve se fundamentar na pesquisa, buscando que indagações e problemas do cotidiano sejam fios condutores que possibilitem a construção de uma prática comprometida com a formação de cidadãos críticos, criativos e reflexivos.

Deste modo, acreditamos também, que a escola pode se constituir como uma *comunidade investigativa* (Wells, 1994) na qual as/os professoras/es podem refletir sua prática e coletivamente descobrir significados necessários para potencializá-la.

Considero importante que os estudantes sejam compreendidos como atores sociais, portanto, cidadãos. Assim, em minha formação tenho me subsidiado, a fim de desenvolver uma prática docente, que atenda de forma coerente às necessidades das crianças e que garanta as mesmas o acesso e aquisição dos saberes socialmente construídos.

Em suma, busco fortalecer minha formação e prática como professoras-pesquisadora, para que nosso caminhar como docente, seja traçado a partir do contínuo movimento de ação-reflexão-ação. Aliás, desejo me formar como educadora, produtora *de imprevistos, de surpresas, numa performance que prepara todos os detalhes, mas se dispõe a prescindir de todos eles.* ( Kohan, 2003, p.234). Além disso, acredito em uma escola transformada, ou seja, mais igualitária, participativa e crítica.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Israel R. Afetividade e transformação social: sentido e potência dos afetos na construção do processo emancipatório. Sobral: Edições Universitárias, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 4<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREINET, Celéstin. *O Jornal Escolar*. Lisboa: Estampa 1977.
- GHILARDI, M. I. Mídia, educação e leitura. IN: BAZOTTO, V. H.; GHILARDI M. I. (org.) *Mídia, poder, educação e leitura*. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (103-112)
- GOUMELOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (org.) *Práticas de leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.
- \_\_\_\_\_. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1 ed.; 2 reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- MATTOS, Priscilla Gomes Guilles. O curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ a partir de narrativas de formação de professoras das infâncias. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2013.
- NÓVOA, A. Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1995.
- SAMPAIO, C. S. É de verde que se torce o pepino? Quesitos e caminhos para a conquista do hábito de leitura. In: SILVA, E. T. (org.) *O jornal na vida do professor e no trabalho docente*. São Paulo: Global; Campinas: ALB - Associação de Leitura do Brasil, 2007. (p.75- 82)
- SOUZA, D. R. L. DE; SOUZA J. G. V. DE. A Prática Pedagógica do professor que atua nas séries Iniciais: Desafios no Processo de Ensino Aprendizagem. IV FIPED Fórum Internacional de Pedagogia. Paranaíba-PI. 2012.
- TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade. São Paulo, SP. Editora: Erica 2001.
- TAVARES, M. T. G. *Os pequenos e a cidade: o papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, março de 2003.
- TOSCHI, M. S. Educação escolar e comunicação presenças e ausências do jornal na sala de aula. Universidade Federal de Goiás, (Dissertação de Mestrado em Educação). Goiânia, 1993.
- ZANCHETTA JR, J. Por que, afinal, a leitura de jornais na escola? In: SILVA E. T. (org.). *O jornal na vida do professor e no trabalho docente*. São Paulo: Global; Campinas: Associação de Leitura do Brasil. (p.57-66)
- \_\_\_\_\_. Estudos sobre recepção midiática e educação no Brasil. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, n. 101, p. 1455-1475, set./dez. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>